



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUA INGLESA

**A MÚSICA COMO FATOR MOTIVACIONAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

THAYANY DE OLIVEIRA BATISTA

CAJAZEIRAS – PB

2017

THAYANY DE OLIVEIRA BATISTA

**A MÚSICA COMO FATOR MOTIVACIONAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Fabiane Gomes da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

B333m Batista, Thayany de Oliveira.

A música como fator motivacional no ensino e aprendizagem de língua inglesa: uma proposta de sequência didática / Thayany de Oliveira Batista. - Cajazeiras, 2017.

51f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. Fabiane Gomes da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Língua inglesa - ensino. 2. Música - motivação. 3. Ensino-aprendizagem - inglês. 4. Língua estrangeira - ensino. I. Silva, Fabiane Gomes da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

THAYANY DE OLIVEIRA BATISTA

**A MÚSICA COMO FATOR MOTIVACIONAL NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Aprovada em 18 / 03 / 2017

Banca Examinadora

Fabiane Gomes da Silva

**Prof. Me. Fabiane Gomes da Silva
(Orientador – UFCG)**

Marcílio Garcia de Queiroga

**Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga
(Examinador interno – UFCG)**

Elinaldo Menezes Braga

**Prof. Me. Elinaldo Menezes Braga
(Examinador interno – UFCG)**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida, pela proteção diária nessa jornada, pela fé e coragem que em mim fez nascer a cada dia, para que eu pudesse conquistar os meus sonhos.

Agradeço aos meus pais, José e Arlete por acreditarem sempre no meu potencial e por me proporcionarem o melhor para a minha vida, me tornando o que hoje sou, por serem a minha referência, e por estarem a todo o momento presentes na minha vida nas horas de tristeza e de vitória.

Quero agradecer ao meu noivo, Raul, pela força, paciência, compreensão e companheirismo que teve durante esse e muitos outros momentos em minha vida. Às minhas irmãs, Thais e Thaynara, pelos momentos fraternos compartilhados, pelas confissões, que me fizeram querer se tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu orientador Fabione Gomes, pela força, paciência, apoio e confiança depositada no meu potencial, me fazendo acreditar na capacidade de vencer os meus medos, que com sua gentileza, atenção, conselhos e sabedoria, me fez admirá-lo ainda mais.

Agradeço aos professores Marcílio Garcia e Elinaldo Braga por aceitarem com prontidão fazerem parte da minha banca de defesa, como também, pelas contribuições enquanto professores.

A todos os mestres, meus agradecimentos em particular a cada um que com suas particularidades distintas me fizeram compreender as várias faces de se fazer docência, sempre se mostraram atentos e aptos a ajudarem no que fosse preciso ao longo dessa jornada, e antes de me ensinarem, me fizeram aprender.

Aos amigos, que sempre levarei em meu coração, muito obrigada pelos momentos vividos, pela amizade, risadas, partilha de aprendizados, momentos bons e ruins compartilhados, pelo convívio fraternal que foram construídos ao longo desses quatro anos de jornada acadêmica.

Enfim, a todos, muitíssimo obrigada!

RESUMO

O objetivo desse trabalho é propor uma atividade com música que possa ser utilizada como ferramenta motivacional no ensino e aprendizagem de língua inglesa. Levando em consideração os desafios presentes nas aulas de língua estrangeira, nas escolas públicas brasileiras, é de grande importância que os professores planejem suas aulas voltadas para o educando, elaborando aulas com o apoio de atividades lúdicas, para que os estudantes possam se sentir mais motivados diante de um ensino que muitas vezes acaba sendo desvalorizado por não ter muita eficácia nas escolas, mas é possível relacionar língua e gênero ambos trabalhando para o desenvolvimento das habilidades e aquisição dos alunos. Temos como objetivos propor atividades práticas com músicas que sirvam como instrumento de motivação ao aprendizado de língua inglesa, mostrar os desafios existentes no ensino de línguas estrangeiras e entender como a motivação atua na vivência dos alunos. A pesquisa de cunho bibliográfico tem como aporte teórico as opiniões e conceitos de autores como Brown (2001), Skinner (1972), Gardner (1985), Silva (2006), Pereira (2007), Leffa (1988), Larsen- Freeman (1986/1993), dentre outros. A música escolhida foi *Imagine* (1971) do cantor e compositor John Lennon, ex-integrante da banda Beatles. Diante disso, será proposta uma atividade com a música *Imagine*, contendo cinco questões que são capazes de praticar as habilidades linguísticas do aluno, sendo trabalhada em uma abordagem comunicativa, trabalhando com questões gramaticais e discursivas para que os alunos possam desenvolver um conhecimento coletivo e reflexivo em um contexto sociointeracionista.

Palavras-chaves: Música. Motivação. Ensino-aprendizagem. Inglês.

ABSTRACT

The objective of this work is to propose an activity with music that can be used as a motivational tool in English language teaching and learning. Taking into account the challenges present in foreign language classes in Brazilian public schools, it is of great importance that teachers plan their classes directed toward the learner, elaborating classes with the support of playful activities, for that the students feel more motivated in front of a teaching that often ends up being devalued because it is not very effective in schools, but it is possible to relate language and genre both working for skills development and student acquisition. We aim to propose practical activities with songs that serve as motivational tools for English language learning, to show the challenges in foreign language teaching and to understand how motivation works in the students' lives. The research of bibliographic has as theoretical contribution the opinions and concepts of authors as Brown (2001), Skinner (1972), Gardner (1985), Silva (2006), Pereira (2007), Leffa (1988), Larsen- Freeman (1986/1993), among others. The song chosen was *Imagine* (1971) by the singer and composer John Lennon, former member of the Beatles band. Therefore, an activity with the song *Imagine* will be proposed, containing five questions that are capable of practicing the student's language skills, being worked on a communicative approach, working with grammatical and discursive questions for that students can develop a collective and reflective knowledge in a sociointeractionist context.

Keywords: Music. Motivation. Teaching-learning. English.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro tridimensional das dimensões comunicativas.....	40
Figura 2 - Capa do álbum Imagine – John Lennon.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E O FATOR MOTIVACIONAL	10
1.1 Panorama histórico do ensino de Língua Inglesa no Brasil.....	10
1.2. Desmotivação.....	13
1.3. Motivação	16
1.4. Motivação no ensino de Língua Inglesa	21
2. A MÚSICA COMO FERRAMENTA MOTIVACIONAL DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	24
2.1. O gênero música.....	24
2.2. A música como elemento de motivação no contexto educacional.....	28
2.3. A música como ferramenta motivacional no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa	30
3. A ABORDAGEM COMUNICATIVA EM CONTEXTO SOCIOINTERACIONISTA DE USO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: AS DIMENSÕES COMUNICATIVAS DE TRABALHO COM A MÚSICA	33
3.1. Abordagem Comunicativa	33
3.2. A música como recurso sociointeracionista de aprendizagem.....	36
3.3 Dimensões comunicativas da linguagem.....	38
3.4. Proposta de atividade com música como elemento motivacional para o desenvolvimento das habilidades comunicativas discursivas em sala de aula	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o ensino de Língua Inglesa no Brasil tem sido visto como um conteúdo marginalizado e sem muitas contribuições para os indivíduos que convivem com essa disciplina, principalmente se esta for aplicada em uma escola da rede pública de ensino. Apesar de diversos fatores contribuírem para que o seu ensino apresente dificuldades e desafios, mas como qualquer outra forma de aprendizagem, a língua estrangeira nas escolas possui a sua importância e eficácia para os alunos e professores que fazem a sua utilização de forma adequada. Dessa forma, sugerimos o uso de atividades lúdicas para o ensino de língua inglesa nas escolas, pois a sua utilização pode motivar os alunos a construir um caráter reflexivo, desenvolvendo a aquisição de uma segunda língua, em detrimento do modelo tradicionalista do ensino de línguas.

Isto posto, o trabalho parte da hipótese que o uso de atividade com música contribui para um melhor aprendizado de língua inglesa, visando a sua relevância e auxílio para a consolidação de uma nova língua, os costumes e culturas que esta traz consigo. Diante disso, temos como objeto de estudo a música como atividade lúdica para o ensino de língua inglesa. O nosso objetivo principal é propor atividades práticas com músicas que sirvam como instrumento de motivação ao aprendizado de língua inglesa. Temos como objetivos específicos, mostrar os desafios existentes no ensino de línguas estrangeiras e como a motivação atua na vivência dos alunos. A metodologia de cunho bibliográfico tem como aporte autores como: Brown (2001), Skinner (1972), Gardner (1985), Silva (2006), Pereira (2007), Leffa (1988), Larsen-Freeman (1986/1993), dentre outros, e por último será proposto uma atividade com música que possa trabalhar as habilidades comunicativas como também seja motivadora para que os alunos possam desenvolver uma segunda língua.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1, foi traçado um panorama geral da língua inglesa no Brasil e como ela foi inserida nas escolas brasileiras, analisamos os desafios nas escolas públicas, além da motivação que também será abordada, mostrando os fatores que geram a desmotivação e a motivação no ensino de língua inglesa. No capítulo 2, temos a conceituação do gênero música como ferramenta de ensino motivacional nas aulas de língua inglesa, elencando os seus benefícios ao ser usado no sistema educacional. E por último, no capítulo 3, foi proposta uma atividade que seja trabalhada de forma lúdica usando a música em uma abordagem comunicativa, podendo gerar a motivação para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua inglesa.

1. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E O FATOR MOTIVACIONAL

Trabalhar com motivação em sala de aula requer muito trabalho por parte do professor, pois, há uma série de fatores que contribuem e dificultam a realização de atividades que estimulam os alunos a participarem das aulas e a construírem um caráter significativo para a sua vida. Mas para que isso aconteça, é necessário que professores busquem atividades lúdicas que fujam do tradicionalismo e que tragam mais significado para o cotidiano dos alunos. Em vista disso, tendo como foco o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa (LI), temos conhecimento de que esta disciplina carrega muitas crenças, desafios e problemas com o seu ensino. Consequentemente as pessoas possuem uma ideia de que o seu aprendizado é parcial nas escolas públicas, ou até mesmo desnecessário. Neste capítulo, traçaremos algumas considerações de natureza teórica sobre o Ensino de Língua Inglesa no Brasil, refletindo sobre desafios e perspectivas de práticas pedagógicas que promovam uma aprendizagem mais eficiente, tendo a motivação como um dos elementos essenciais na aquisição do conhecimento e desenvolvimento das habilidades comunicativas em uma língua estrangeira.

1.1 Panorama histórico do ensino de Língua Inglesa no Brasil

No início do século XVI, por volta de 1530, surgiu a relação entre Brasil e Inglaterra. Tudo começou com o interesse dos ingleses no nosso tão conhecido Pau-Brasil. Essa nação, desde o seu desembarque em terras brasileiras, manteve uma convivência amigável até meados do século XIX. Logo depois, houve um momento em que as disputas territoriais ficaram mais intensas e as alianças deveriam ser feitas. Diante disso, Portugal que estava com o seu domínio sobre as terras brasileiras, se posicionando contra a Inglaterra que teve os seus portos bloqueados e passaria a apoiar os franceses.

Impedindo futuras guerras, o príncipe de Portugal, D. João VI fugiu para o Brasil. Tendo o total apoio da corte inglesa que juntos construíram casas, escolas e comércios nas terras brasileiras. Posteriormente, durante anos a Inglaterra teve grande influência no Brasil, porém as manifestações brasileiras em busca de melhorias começaram e para evitar isso, o príncipe criou um decreto que implantava o inglês nas escolas que antes ensinavam grego e latim, sendo assim, ao aprender inglês, os brasileiros conseguiriam empregos mais facilmente, e a Corte portuguesa mantinha aliança com os ingleses. Mas logo mais tarde, os portugueses fizeram acordo com os franceses, e o francês também foi ensinado nas escolas brasileiras.

Desde então, o inglês é ensinado nas escolas públicas, privadas e em cursinhos, mas nem sempre foi assim. Pois houve várias mudanças através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que reduziram a carga horária da Língua Estrangeira (LE), dificultando o seu ensino nas escolas brasileiras. Como afirma Santos (2011):

Desde o século XIX o sistema educacional brasileiro vem sendo submetido a sucessivas reformas nas quais o ensino de língua inglesa tem sido ora negligenciado, ora tratado indevidamente, chegando a ser, até mesmo excluído da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgadas em 1961 e 1971. (p. 1).

Creemos ser esse um dos motivos pelos quais o ensino de língua estrangeira nas escolas públicas do Brasil enfrenta tantos problemas, pois uma carga horária inegavelmente, prejudica o direcionamento do ensino de LI. Nos dias atuais, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) atuam como base para o entendimento do ensino de línguas estrangeiras no Brasil, e delimitou duas formas de apoio para o seu ensino, uma para o ensino fundamental e outra para o ensino médio. No ensino fundamental o foco estaria na leitura, pois levando em consideração todos os desafios do seu ensino, a leitura seria a habilidade mais adequada para se trabalhar em sala de aula. Já para o ensino médio, os PCN sugerem que seja desenvolvida a competência comunicativa, tendo o domínio gramatical, linguístico e estratégico para a construção de seres reflexivos. Há também, o auxílio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem como propósito:

[...] motivar os alunos a refletir sobre a presença dessa língua estrangeira em seu cotidiano, incentivando as práticas discursivas e linguísticas. E, com base nessa reflexão, levá-los a construir um discurso próprio às suas intenções comunicativas, de modo a consolidar práticas sociais de uso. (BRASIL, 2016, p. 202).

Apesar de todos esses auxílios e orientações para o ensino de línguas nas escolas, as condições oferecidas pelo sistema acarretam a utilização muitas vezes de apenas conteúdos gramaticais desconexos e sem um significado real para os alunos, levando ao não desenvolvimento de todas as habilidades, criando a cultura de desvalorização da disciplina. Oliveira (2009) comenta sobre a realidade que as escolas públicas enfrentam nos dias atuais, que vai da carga horária reduzida, elevado número de alunos por salas, salas heterogêneas, até a escassez ou ausência de recursos didáticos que dificultam o ensino de línguas.

Desde que o ensino de línguas estrangeiras foi inserido nas escolas brasileiras, vários métodos de ensino foram testados para que houvesse a aquisição de uma nova língua, neste caso, a Língua Inglesa. Ela que teve a sua inserção no século XIX, e desde então vem sendo

ensinada nas escolas públicas a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, ou seja, são sete anos em que professores e alunos convivem com essa língua inglesa semanalmente. Tomando essas informações, o que torna a LI uma disciplina que na maioria das ocasiões não permite que o aluno saia da escola com algum domínio comunicativo sobre essa língua? Há vários fatores e desafios que podem contribuir para que isso aconteça, a primeira é a baixa carga horária na grade curricular nas escolas.

Sabemos que o total de aulas de Inglês por turma é mínimo, tendo duas ou até mesmo apenas uma aula por semana em algumas escolas, se constitui esse um dos desafios de se ensinar Inglês, pois o pouco tempo acarreta na falta de ensinamentos das habilidades comunicativas, o que virá a provocar um déficit em algumas delas. Isso ocorre porque o professor além de passar todo o conteúdo programático para as suas turmas, também necessita fazer a mesma quantidade de avaliações que outras disciplinas com cinco ou seis aulas por semana também fazem. De acordo com Schmitz (2009) “[...] A carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco e o tempo limitado não permite da atenção igual a todas as habilidades”. (2009, p. 14). Dessa forma, os professores não possuem um tempo favorável para que o seu planejamento seja mais elaborado e eficaz, como afirma Jorge (2009) “[...] Uma reclamação constante de professores de inglês é a pouca carga horária dedicada ao ensino de inglês na escola. Essa carga horária é fruto de uma cultura escolar que, por anos entendeu a língua como um conteúdo de importância marginal”. (2009, p. 166).

Em vista disso, criamos com o tempo, uma cultura de desvalorização de disciplinas sendo elencadas de acordo com a sua importância, logo, o Inglês é visto como uma disciplina marginalizada em relação às outras, gerando a ideia de que o ensino de inglês nas escolas não reprovam, e conseqüentemente os alunos não depositam o devido interesse na disciplina, pois não sabem o seu real valor no sistema educacional e para a sua formação como cidadãos. Paes (2009) afirma que:

A desvalorização da língua inglesa no ambiente escolar também é percebida em docentes de outras disciplinas. A propagação de ideias por parte de alguns profissionais da educação de que a disciplina A ou B são mais importantes que o Inglês, pois aquelas reprovam e esta não, também contribui para o descaso de alguns alunos em relação à aprendizagem de língua estrangeira. (p. 162).

À vista disso, convém acrescentarmos que um dos grandes problemas no ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas brasileiras está presente na crença de que o seu ensino-aprendizagem é ineficaz. Existe esse preconceito de invalidez, as pessoas rotulam desde o

princípio de que é quase impossível aprender Inglês nas escolas brasileiras, e em alguns casos o professor não acredita na capacidade dos alunos, os alunos não acreditam na sua própria capacidade, o governo não acredita na capacidade dos seus profissionais, ou seja, têm o ensino de LI cheio de incertezas para todos que ali atuam. Podemos perceber pelo exposto, conceitos e questões totalmente equivocadas.

Além do mais, há falta de programas de capacitação por parte dos Governos, com melhores políticas públicas que promovam uma qualificação eficiente dos profissionais de LI, sem falar na falta de recursos para os profissionais de LI que se veem em meio aos desafios das escolas públicas sem auxílio de um livro didático que se adeque ao contexto dos alunos, como também, a falta de outros recursos didáticos como retroprojetores, computadores, dicionários, além de turmas lotadas, salas heterogêneas, entre outros. Como realça Oliveira (2009):

Nas salas de aula, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, geralmente encontra-se um grande número de alunos por turma, ou seja, 40, 50, 60, e até 70 alunos por sala. Um número elevado de alunos dificulta o trabalho de gerenciamento e de monitoração do professor, além de favorecer a existência de níveis de proficiência distintos em uma mesma turma. Sendo a carga horária semanal destinada a inglês, geralmente, 100 minutos distribuídos em duas aulas que nem sempre são geminadas, a tarefa de ajudar muitos alunos a aprenderem a língua estrangeira se torna complicada. Além disso, muitas escolas públicas não dispõem dos recursos físicos necessários para a condução adequada de aulas de línguas estrangeiras. (p. 28).

Ou seja, o professor se vê desmotivado para o ensino de LI por falta de instrumentos que em alguns casos não são fornecidos pelo governo e por desafios encontrados no dia a dia, que muitas vezes acabam transmitindo uma aula que não desperte interesse nos alunos, pois o seu planejamento não foi adequado para as necessidades destes. Diante disso, mesmo tendo pouco tempo para desenvolver a sua aula, é necessário que o professor procure formas lúdicas que estimulem os alunos a participarem das aulas, fazendo isso, os alunos se motivam para o ensino de LI, e conseguem avançar no que há anos está inerte. Tendo isso, no próximo tópico será discutida a questão da motivação e como ela atua no sistema educacional de ensino.

1.2. Desmotivação no ensino de Língua Inglesa

O ensino da Língua Inglesa no Brasil nunca foi fácil. Além de todos os desafios que os professores enfrentam para poder ensinar Inglês, há também uma grande desvalorização do

ensino aprendizagem dessa língua por parte dos estudantes. Primeiro, a carga horária de um professor de Inglês não ultrapassa mais que três aulas por semana, na grande maioria, o normal são apenas duas aulas por semana, e muitas vezes, o que pode ocorrer são alunos que não levam a sério a disciplina de língua inglesa por acreditar que esta não tem relação com suas práticas pessoais e com seu futuro profissional.

Somando-se a esses fatos, cabe-nos indagarmos como um professor pode gerenciar boas aulas se tem que cumprir com a grade curricular de ensino que exige que todo o conteúdo programático seja passado para os alunos, e ainda realizar todos os procedimentos padrões existente nos bimestres? Sem falar em outro problema recorrente nas escolas brasileiras que colocam professores de matemática, português, história, para ensinar Inglês, pois, já que a carga horária é mínima.

De fato, há vários desafios que os professores enfrentam no seu ensino de língua inglesa. Mas precisamente o que gera uma desmotivação nos alunos em relação ao ensino-aprendizagem de Língua Inglesa? Primeiramente, o que vem na cabeça dos alunos em relação ao Inglês é a crença de que nunca vão ao exterior, e por isso aprender esse novo idioma será desnecessário. Uma questão totalmente inválida, pois sabemos a importância da aquisição de uma segunda língua que traz consigo a cultura, costumes e valores dos povos. Além do mais, é notória a necessidade de se adquirir proficiência em uma língua estrangeira, fato esse que irá contribuir para novas oportunidades de empregos, pois as grandes empresas exigem e valorizam indivíduos que possuem no mínimo um certificado de um curso de idiomas. Ou seja, aprender uma nova língua é essencial nos dias de hoje, pois nos traz sucesso de forma intrínseca e extrínseca.

Outro ponto que pode gerar desmotivação para os alunos que estudam Inglês nas escolas é o uso excessivo de gramática auxiliada a frases soltas que não tem um sentido real para os alunos. Primeiro, ao ensinar apenas gramática com exercícios e correções o professor perde a oportunidade de praticar as habilidades comunicativas, como também deixa de mostrar aos alunos a cultura de outros povos. Como relata Paiva (2009), “Defendo que a língua deve fazer sentido para o aprendiz em vez de ser apenas um conjunto de estruturas gramaticais” (p. 33). Sendo assim, se o professor focar apenas em estruturas gramaticais os alunos futuramente não vão conseguir desenvolver uma comunicação espontânea, é esse um dos grandes problemas encontrado nas escolas públicas do Brasil. Com respeito ao foco excessivo na gramática, ainda ressalta que:

A sala de aula, geralmente, não oferece atividades de uso da língua, mas apenas exercícios sobre determinados itens gramaticais onde a língua é tratada de forma artificial ou, ainda, a tradução de textos escolhidos pelo professor e que nem sempre são de interesse do aluno. As frases soltas em exercícios do tipo “passe para a negativa ou passe para o plural” não se constituem em enunciados na vida real, como o famoso “The book is on the table” ou “The cat is under the table”. (PAIVA, 2009, p. 33).

Levando isso em consideração, os alunos basicamente podem estar cansados de sempre verem a mesma coisa em todos os anos no ensino da Língua Inglesa nas escolas. De acordo com a autora “[...] ninguém vai se sentir motivado se, ano após ano, ficar memorizando regras gramaticais e fazendo os mesmos exercícios cansativos e sem sentido.” (PAIVA, 2009, p. 38). Diante disso, trabalhando o Inglês dessa forma, o que se percebe é que não há um envolvimento dos alunos que levem a despertar a curiosidade de expandir os conhecimentos atribuídos pela disciplina de Inglês, sendo que também não há um estímulo por parte do professor que desperte o interesse dos alunos a aprendizagem efetiva da Língua Inglesa.

Brown (2001) questiona se deve ou não ensinar gramática; para ele a questão não é nem tanto ensinar gramática, mas sim, quais são as condições ideais para o seu ensino, onde o professor e aluno se sintam à vontade em sala de aula, interagindo um com o outro, usando a gramática com o seu foco na comunicação trabalhando de forma contextualizada. Oliveira (2015) reforça essa ideia ao afirmar que:

[...] o mais importante é conciliar a gramática com um tema, ou gênero textual, sendo assim, os alunos não irão estudar frases soltas isoladas e sem sentidos. O professor é que precisa prestar atenção às atividades sobre gramática que leva para à sala de aula para que seus alunos não as considerem chatas e para que não acabem transferindo para a gramática o tédio das atividades propostas pelo professor e pelo livro didático. (p. 205).

Nesse contexto, mesmo tendo o conhecimento das regras gramaticais, os alunos serão bem sucedidos nos exercícios, mas no momento do discurso e interação, muitos falham ao tentar produzir um texto de forma natural. Isso acontece porque alguns alunos estão acostumados a apenas decorarem frases feitas, provocando um déficit na sua comunicação em contextos reais de uso da língua estudada.

Por outro lado, além da desmotivação dos alunos, há também a desmotivação dos profissionais de ensino, pois os professores especificamente de Língua Inglesa, possuem uma carga horária entre 20 a 26 aulas semanais, mas por se tratar de uma disciplina em que há geralmente apenas duas aulas por semana em cada turma, o professor se submete a ensinar em dez turmas ou mais, para poder atingir a sua carga completa. Por conta disso, esses

professores têm que planejar aulas semanais para vários níveis diferentes o que lhe toma muito tempo, conseqüentemente fica cansado e desmotivado, além disso, ressaltamos a quantidade de tempo (extraclasse) que deverá dispor nas correções de trabalhos e avaliações, devido a quantidade de alunos que atende.

Outro ponto que gera a desmotivação é a desvalorização do professor de modo geral, pois sabemos que o profissional docente no Brasil enfrenta muitos desafios na sua jornada de trabalho que vai desde ambientes não favoráveis para aprendizagem até um salário insuficiente para todo o seu esforço. Muitas vezes os professores precisam trabalhar em duas escolas para poder suprir as suas necessidades, pois o ganho financeiro em apenas uma escola não é suficiente para o seu sustento, o que o leva a uma desmotivação pela não valorização da profissão, assim como também o excesso de trabalho ao ter que ensinar em duas instituições. Devido a esses fatores, os professores se veem em meios aos desafios do dia-a-dia, acabam se desmotivando, planejando aulas que não despertam o interesse e o engajamento dos alunos, e o que é pior, acabam por desmotivá-los para o aprendizado da Língua Inglesa.

Levando em consideração ao que foi mencionado, os alunos podem se sentir incapazes de aprender uma nova língua, mas, na verdade é possível sim aprender Inglês nas escolas públicas brasileiras, o que se necessita é que sejam dadas condições adequadas para sua operacionalização em todos os lados, com a contribuição da escola; do professor; do aluno; e do governo. Neste caso, trabalhando dessa forma em conjunto, o professor pode sim propor atividades que motivem os seus alunos para um ensino eficaz da Língua Inglesa. Nesse sentido, discutiremos no próximo tópico de que maneira a motivação pode contribuir para um ensino eficiente de Língua Inglesa.

1.3. Motivação

Levando em consideração as dificuldades e desafios de se ensinar Inglês nas escolas públicas brasileiras nos dias atuais, percebemos uma grande falta de motivação no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e professores que compõem a comunidade escolar. Isso ocorre por diversos fatores que foram mencionados anteriormente como: desvalorização do professor; baixa carga horária em relação aos professores de línguas; livros didáticos inadequados para os níveis dos alunos, entre muitos outros. Por outro lado, o que poderíamos elencar como fatores desmotivadores por parte dos alunos em relação ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa? Alguns desses elementos são sem dúvidas as aulas

repetitivas em que há foco nos conteúdos, exercícios e semanas de provas, transformando as aulas de LI em eventos tediosos e sem um real sentido para os alunos.

A esse respeito, vale a pena nos aprofundarmos mais didaticamente no termo em destaque. O que seria motivação? De acordo com Brown (2001) a motivação é a medida que usamos para fazer escolhas sobre as metas a serem seguidas e o esforço que dedicamos a essa busca. Vygotsky (1991) apud Rodrigues (2013) explica a motivação:

O indivíduo que se encontra frente a um ou mais estímulos tende a desenvolver sua estrutura de pensamento de forma mais eficaz, por isso os professores devem concentrar esforços na motivação (em forma de estímulos) para os alunos, pois estará ativando recursos cognitivos. (p. 14).

Outro estudioso que tratou sobre a motivação foi Falcão (2001) que a definiu como um estado de tensão, e uma impulsão que mantém o comportamento das pessoas voltado para um objetivo e para a sua realização, objetivo esse que deve ser analisado cuidadosamente pelo professor, pois a motivação precisa ocorrer naturalmente e funcionar como uma mola propulsora para que o aluno atinja seus objetivos. E o professor o estimula e o auxilia a chegar ao seu propósito.

Os incentivos que geram a motivação podem ocorrer através de recompensas que podem ser: notas; prêmios; feedbacks positivos entre outros. De acordo com Skinner (1972), estudioso que analisou os comportamentos dos indivíduos por meio de atividades condicionadas às respostas específicas por estímulos, atribuir reforços positivos às respostas corretas dos alunos pode melhorar a aprendizagem. Skinner denominou a sua teoria como a teoria do reforço/recompensa com a intenção de motivar as pessoas. Primeiramente, fez os seus experimentos com animais, no caso ratos, que ao apertarem alavancas receberiam comidas, ou seja, o seu esforço de apertar uma alavanca geraria a recompensa em receber a comida, e por isso se motivavam a fazer essa prática. Mas Skinner aumentou a dificuldade dos seus experimentos para que os ratos apertassem o equipamento mais vezes, tardando o resultado, se mantendo motivados por mais tempo ou para adquirir uma recompensa maior.

De fato, por analogia, os alunos podem ficar mais motivados ao serem recompensados pelos seus acertos, o que comprovaria a teoria do reforço de Skinner, em que os seres humanos perseguem um objetivo porque sabem que no final terão uma recompensa. Essa prática ficou mais evidente nas escolas quando os professores começaram a retribuir os acertos dos alunos com chocolates. Conhecida como teoria M&M - nome derivado de uma marca de chocolate muito conhecidas nos Estados Unidos - que servia como um atributo para as respostas ou comportamentos corretos. Diante disso, vemos que esse comportamento

humano tem os seus esforços como motivação para chegar aos seus objetivos e receberem recompensas.

Em decorrência desses estudos, muitos teóricos começaram a abordar a motivação como ferramenta para impulsionar, reforçar as pessoas para alcançarem os seus objetivos, Diante disso, ao analisarem os comportamentos pessoais, perceberam formas diferentes de motivação, assim sendo, delimitaram dois tipos de motivações, são elas: motivação extrínseca e motivação intrínseca. A motivação extrínseca é aquela que visa às recompensas externas, por exemplo, notas, prêmios, dinheiro, ou seja, uma pessoa que está extrinsecamente motivada possui a recompensa como o seu principal objetivo; quando não há mais recompensa, não há mais motivação, ou quando o objetivo é alcançado a motivação é interrompida, não há uma continuação para essa ação.

De acordo com Brown (2001, p. 74) “os comportamentos extrinsecamente motivados são realizados em antecipação a uma recompensa [...]. Recompensas típicas são dinheiro, notas e até certos tipos de feedback positivo.” Esse comportamento aponta uma fraqueza como o seu vício por prêmios por tudo que for feito, tornando as pessoas dependentes de recompensas ao ponto que a sua retirada possa prejudicar o seu ensino. O autor ainda ressalta:

A longo prazo, essa dependência concentra os alunos também exclusivamente nas recompensas materiais ou monetárias de uma educação, em vez de instigar uma apreciação pela criatividade e para satisfazer algumas das ações mais básicas para a exploração do conhecimento. (BROWN, 2001, p. 75, tradução minha).

Trazendo essa definição para o meio educacional, um exemplo de motivação extrínseca que percebemos com frequência nos dias atuais é o comportamento dos alunos em relação às disciplinas que compõem a grade escolar, tal como a disciplina de Língua Inglesa que boa parte dos alunos vê como desnecessária, pois como ouvimos frequentemente, eles nunca “vão para os Estados Unidos” ou países que usam a Língua Inglesa. Por isso, esses alunos se interessam em apenas tirar boas notas para serem aprovados na disciplina, e a partir do momento em que eles não vão mais estudar o Inglês, não há mais motivação em relação ao seu ensino-aprendizagem.

Nesse contexto podemos observar aulas de Língua Inglesa em que o professor explica o conteúdo, passa um exercício reforçando o que foi estudado, e no final da aula, na correção da atividade, pontua os alunos que acertaram determinadas questões, instigando-os a participarem da dinâmica, e de certa forma, os alunos vão aprender o que foi estudado. Ora, é entendido que estudantes aparentam estar motivados quando são recompensados com pontos

extras, geralmente só participarão das próximas atividades propostas para se promover a aquisição da língua se lhes for oferecido algum tipo de recompensa, afinal, o seu objetivo é alcançar uma boa nota, embora se constate que em relação a sua aprendizagem é notável que ela ocorra, mas de forma limitada.

Portanto, em relação ao ensino de Língua Inglesa, é normal que os professores motivem os seus alunos de forma extrínseca, pois ao se tratar da LI, muitos alunos se sentem inseguros para estudar um novo idioma, e através disso, os professores começam a atribuir pontos, ou até mesmo prêmios para que eles se sintam mais motivados. Dessa forma o professor capacita os alunos, abre caminhos para que eles possam fazer escolhas e a seguir com os seus objetivos.

A motivação intrínseca surge de fatores internos do ser humano, ou seja, os objetivos, vontades, interesses que cada um almeja para si. Diferentemente da motivação extrínseca, não há busca por recompensas, prêmios, ou notas, pois, o seu objetivo está na realização social do indivíduo, independentemente das conquistas que este possa adquirir ao longo da sua jornada. Em relação às atividades de motivação intrínseca direcionadas ao ensino, Brown (2001) elucida que:

As atividades de motivação intrínseca são aquelas para as quais não há recompensa aparente, exceto a própria atividade. As pessoas parecem se envolver nas práticas pro seu próprio bem e não porque conduzem a uma recompensa extrínseca. [...] Os comportamentos motivados intrinsecamente visam provocar determinadas consequências internamente gratificantes, nomeadas de sentimentos de competência e autodeterminação. (p. 74).

Fica claro nesse sentido, que o comportamento que o indivíduo apresenta de forma intrínseca nada mais é do que a necessidade de auto realização, a busca por conhecimentos, por atividades prazerosas que transmitem sensações de recompensas internas constantes. Um exemplo disso é um aluno que apresentava um comportamento extrínseco em relação à disciplina de Língua Inglesa, por exemplo, estava motivado apenas para ter boas notas, mas cativou a oportunidade de satisfação profissional e pessoal, tendo como objetivo ser fluente em Inglês. Através disso, começa a busca em forma de desafio e interesse individual, que gera a sensação de prazer que constantemente estará presente durante a sua prática.

De acordo com Maslow (1970), a motivação intrínseca é claramente superior a motivação extrínseca, pois, em razão das necessidades, somos motivados para alcançar a autoestima, mesmo que as recompensas extrínsecas estejam presentes ou ausentes, vamos nos esforçar para uma realização interna. Dessa forma, as pessoas terão autonomia para obter seu conhecimento que será adquirido pelos seus esforços. Do ponto de vista do aprendizado de

uma nova língua, o foco estará na “recompensa interna” de consolidar um novo idioma, visando a sua importância, seja cultural ou social. Percebemos até aqui que em muitos casos, para se chegar a uma motivação intrínseca, que de acordo com alguns estudiosos é superior, é necessário passar pela motivação extrínseca primeiro, pois, depois das recompensas alcançadas e todo o feedback positivo recebido, o aluno se vê capaz de continuar com os seus esforços, mas agora como validação da sua própria autonomia e competência pessoal.

Tendo a motivação como a intensidade e a força motriz para a realização de algo, Gardner (1985) postula duas dicotomias que se associam e integram o conjunto de pressupostos teóricos voltados para o entendimento dos processos motivacionais com o propósito voltado para o ensino e com a finalidade de se aprender uma segunda língua, são elas: orientação integrativa e orientação instrumental que serão abordadas no próximo tópico.

Em seus estudos, Gardner (1985) refere-se ao termo orientação como uma classe de razões para aprender uma segunda língua, já a motivação seria um conjunto de características que podem ou não ser relacionadas com qualquer orientação particular, essas características são as atitudes e o desejo de aprender um novo idioma, e a intensidade motivacional que as pessoas depositam em cima de seus objetivos.

A primeira, orientação integrativa, levando alguns traços da motivação intrínseca, tem como objetivo aprender uma segunda língua para poder se integrar em uma comunidade de falantes nativos, ou seja, usada para fins sociais e/ou culturais, sem pensar nos pontos positivos que venha a receber, pois o seu foco é a interação com pessoas da sua língua alvo. Podemos citar a título de exemplo, alunos que decidem morar no exterior para se integrarem em uma comunidade do seu interesse, fazendo isso apenas por desejo de fazer parte daquele povo, daquela cultura, aprendendo não só a língua, mas também os seus costumes. Do ponto de vista de Gardner (1985), a orientação integrativa deve ser entendida não só como uma orientação, mas também uma motivação, cheia de atitudes e desejos para se aprender uma segunda língua, com interesses variáveis envolvendo a comunidade linguística, no geral uma aprendizagem da língua em contexto.

Já na orientação instrumental, o estudante tem o desejo de aprender uma segunda língua para fins lucrativos ou acadêmicos com o intuito de chegar aos seus objetivos, ou seja, como o próprio nome já diz, veem a aprendizagem de uma segunda língua como instrumento para o sucesso profissional. Como por exemplo, podemos citar pessoas que são conscientes de como o mercado de trabalho hoje em dia está competitivo, sabem que, para adentrar em algum emprego tendo fluência em Inglês, o indivíduo terá mais chances de conseguir um emprego do que outros que não possuem um conhecimento de uma segunda língua.

Outro exemplo disso são os intercâmbios, que facilitam a aprendizagem de alunos que se interessem em aprender um novo idioma, visando a experiência e fluência que servirão para o seu currículo, logo veem a possibilidade de oportunidades de empregos, pois nesse momento o contato com os nativos está sendo direto e a aprendizagem pode acontecer de maneira mais rápida, da mesma forma como isso também pode ser usado como uma orientação integrativa, pois poderá integrar-se na comunidade alvo. Perguntado a Brown (2001) qual orientação seria mais eficaz, o autor relata que as duas são extremamente importantes, gerando um sucesso satisfatório em ambos os lados, pois a aprendizagem e o conhecimento serão adquiridos, deixando claro que o que muda nessas orientações é apenas o foco que as pessoas têm de acordo com os seus interesses para a aquisição de uma segunda língua.

Nesse sentido, estudos e estatísticas comprovam que a grande maioria das pessoas que procuram aprender um segundo idioma geralmente optam pelo estudo do Inglês. Inegavelmente, as razões principais residem no fato de hoje em dia, o Inglês ser o idioma oficial em diversos países, e em muitos outros, há uma gama de usuários que reconhecem a importância da aquisição dessa segunda língua para os diversos fins, seja no campo educacional, econômico, para lazer, ou qualquer outra finalidade. Aqui no Brasil, sabemos que nas escolas privadas, o ensino de Língua Inglesa integra o currículo educacional desde os primeiros anos do ensino primário, e nas escolas públicas, o Inglês é ensinado a partir do 6º ano do ensino fundamental II, seguindo até o 3º ano do ensino médio. Mas percebemos que na maioria dos casos não está havendo a aquisição efetiva da língua inglesa, isso ocorre por diversos fatores, e um deles é a desmotivação, tema que por sua importância será tratado no próximo tópico de nosso trabalho.

1.4. Motivação no ensino de Língua Inglesa

Motivar os alunos nos dias atuais é uma questão que requer muito trabalho. Como já foi discutido, os professores em decorrência do não recebimento de auxílios, não tem recursos suficiente para planejar uma aula que desperte um grande interesse por parte dos alunos, pois sabemos que as condições das escolas brasileiras quanto ao ensino de Língua Inglesa são precárias. Mas, nada se torna impossível quando o assunto é aprendizagem, por isso, existem sim planejamentos criativos e contextualizados com as necessidades dos alunos, que mesmo

sem dispor de muitos recursos, podem despertar a motivação no alunado, trazendo interesse para a aprendizagem de uma segunda língua.

Primeiramente o professor precisa conhecer bem o nível dos seus alunos, pois além de planejar e adaptar suas aulas, ele necessita está sempre repensando e reavaliando a sua prática de ensino, analisando-se criticamente sobre a sua posição em atuar como mediador entre o conhecimento e o aluno, estando sujeito a mudanças, não atuando de forma positivista ao pensar que uma metodologia que deu certo com uma turma também servirá para outras turmas, mas sim, levando em consideração a formação do educando enquanto sujeito de direitos e com particularidades distintas. Em relação a isso, é preciso que o professor conheça a necessidade dos seus alunos para que ele possa personalizar suas aulas no nível adequado, buscando contextos que se encaixem na realidade do aluno, de modo que o conhecimento seja adquirido sem maiores sacrifícios. Gonsalves (1999) relata que:

O ato de ensinar requer do professor um (re) construir constante da ação de aprender a aprender, pois a todo momento, aprende como ensinar através das reflexões que faz acerca de como seus alunos estão, ou podem estar, (re) construindo os conceitos, os procedimentos e as atitudes que compõem os conteúdos escolares, também como ele próprio os (re) constrói. (p.41).

Silva (2006) considera que o professor é uma das ferramentas mais importantes para gerar e manter a motivação em sala de aula. Apesar de que o professor não pode ser visto como o único meio de conhecimento, pois o real papel do professor é auxiliar os alunos, abrindo espaços para que eles possam expor as suas vontades, os estimulando para que consigam se sentir motivados em relação ao ensino de LI. Diante disso, o professor estará dando autonomia ao seu aluno para que possa escolher o que deseja estudar, quais temas de textos o interessam, ou músicas que eles gostem que possam ser trabalhadas em sala de aula, como também propor atividades em grupo em que os próprios alunos possam escolher com quem deseja trabalhar. De acordo com Miccoli (2010):

O desenvolvimento de alunos autônomos deve ser incentivado pelo professor para que o aluno possa direcionar sua aprendizagem de forma a que este, gradativamente, deixe de precisar do professor para resolver tarefas sejam elas dentro ou fora de sala de aula. Através de atividades que promovam o desenvolvimento de autonomia, o professor estará levando seu aluno (a) a tornar-se um indivíduo que entende que a aprendizagem é um processo de natureza cooperativa – professor, aluno e colegas trabalham juntos. (p. 34).

Dessa forma, os alunos podem se sentir mais motivados, como também possam se sentir à vontade em sala de aula. Para que isso ocorra, é necessário também um bom

relacionamento entre professor-aluno, ambos com o propósito de manter o ambiente harmônico para a aquisição de uma segunda língua. Silva (2006) apresenta alguns pré-requisitos necessários para que ocorra a motivação; são eles:

Um comportamento apropriado do professor, bem como um bom relacionamento entre professor e alunos; uma atmosfera agradável e encorajadora em sala de aula; criar condições reais de aprendizagem; fazer com que os materiais utilizados pelos alunos sejam autênticos; estabelecer metas possíveis de serem seguidas; tornar o processo de aprendizagem algo prazeroso e interessante; ajudar os alunos a construir sua auto-estima e confiança; proporcionar uma avaliação justa que valorize todo o processo de aprendizagem e não simplesmente aplicar provas. (p. 29).

Assim sendo, o professor pode aplicar atividades que motivem os seus alunos que sejam prazerosas de diferentes tipos como: músicas; vídeos; filmes; séries; quiz; biografias de pessoas que os alunos tenham conhecimento; propor oralidade e discursão em sala de aula; trabalhar a cultura dos países; jogos que envolvam o vocabulário em LI, várias formas possíveis que desmistificam que o ensino de LI não é só gramática e tradução. De certa forma, essas metodologias ajudam os alunos a se sentirem mais motivados para a aquisição de uma segunda língua.

No entanto, é preciso que os professores possam refletir que qualquer um pode aprender Inglês, e deixar de lado a crendice de que eles não se interessam, mas, passando a acreditar na capacidade dos alunos de alcançar suas metas, fazendo isso, os alunos vão se manter motivados e o conhecimento será construído, deixando claro que o docente precisa buscar formas que motivem os seus alunos. A partir desse momento, enfatizaremos um dos componentes didáticos tratados acima, a música, como exemplo de um método motivacional para o ensino de Língua Inglesa.

2. A MÚSICA COMO FERRAMENTA MOTIVACIONAL DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Como notamos, a música está presente em todos os lugares, seja de modo oral ou escrito, ela sempre fez parte das nossas vidas. Diante disso, porque não trazer para sala de aula uma ferramenta prazerosa que além de ser do interesse da grande maioria dos alunos, também irá ajudar para o desenvolvimento de uma língua estrangeira. Requisitos não faltam para se trabalhar com canções em sala de aula, dessa forma, basta o professor tornar a música como ferramenta de ensino, para assim, poder motivar os seus alunos para o ensino de LI. Diante disso, ao se trabalhar com música em sala de aula, os alunos tem a noção de que o ensino de Inglês no Brasil não é apenas composto por frases feitas, e há uma grande variedade de metodologias que podem contribuir para que o ensino possa ser mais prazeroso, e de fato, a música é uma dessas formas. Para Pereira (2007):

É notório que a música faz parte da vida de todo ser humano. Ela está presente de várias formas (mantras, *jingles*, canções no rádio), em diversos lugares (bares, escritórios, residências, cinemas, propagandas) e em muitas ocasiões da vida das pessoas [...]. É difícil imaginar alguém que não ouça música de alguma forma. (p. 32).

Diante dessa realidade, será discutida a importância da música na aprendizagem de LI, levando em consideração o fator motivacional presente no cotidiano das pessoas e no ensino com atividades lúdicas apresentando as suas vantagens para um melhor aprendizado de Língua Inglesa. Primeiramente será conceituado o gênero textual música, apresentando suas características e finalidades, em seguida, serão elencados alguns benefícios que a música de modo geral trouxe para algumas pessoas que de alguma forma a canção tenha contribuído para a sua vida, para depois discorreremos sobre a música como elemento de motivação nas escolas, bem como, a música como ferramenta motivacional no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.

2.1. O gênero música

Sabemos que os gêneros são de extrema importância para a nossa comunicação, e estão presentes em todos os lugares, sejam eles escritos ou falados, ou seja, há uma grande variedade de gêneros, cada um com as suas contribuições e particularidades. Antigamente os gêneros eram centrados apenas na literatura. Nos dias atuais, integrou-se também para a área

da linguística. Marcuschi (2010) como um grande estudioso desse assunto, definiu o gênero como:

[...] textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em comunicações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. (p. 155).

Sem os gêneros não haveria comunicações entre os seres, como Fernández (2012) deixa claro que “[...] o gênero é um instrumento semiótico complexo que possibilita simultaneamente a produção e a compreensão de textos, já que sem eles seria impossível a comunicação humana” (2012, p. 28). Dessa forma, estando presentes no discurso, os gêneros também são direcionados para o ensino nas escolas, diante disso, para propor reflexões, e compressões em sala de aula, torna-se fundamental o uso de textos que possibilitam os alunos a interpretar as diversas visões entre o vasto número de gêneros, como afirma Holden (2009), “[...] para o ensino de leitura em qualquer linguagem enfatiza a importância de expor os alunos a uma variedade ampla de gêneros e de lembrá-los de que o ‘texto’ é mais do que apenas as palavras que ele encerra” (2009, p. 57).

Para Marcuschi (2005) o texto é dimensionado como um sistema de construção sócio cognitiva, sendo um lugar para a explicação da experiência humana, um evento discursivo que envolve ações linguísticas, cognitivas, sociais e psicológicas, no qual o tópico discursivo não é um dado prévio, mas uma construção inteiramente negociada que é levantada através de análises e discursões. Ou seja, abrangem todas as áreas do conhecimento, sendo que o autor ainda relata “[...] o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento, e para as atividades culturais e sociais”. (2010, p. 151).

Isto posto, uma forma de metodologia de ensino é o gênero música como atividade lúdica. A música como um texto e gênero textual possui duas formas de linguagem, a primeira composta pela fala verbal e a outra pela melodia, sendo assim, um conjunto de princípios sonoros e verbais. De acordo com Costa (2010): “[...] a canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagem, a verbal e a musical (ritmo e melodia)”. (2010, p. 118). Houve momentos em que a música era banalizada e por isso não era considerada um gênero, sendo uma colocação totalmente inválida, pois a

música apresenta todo o sentido e finalidade que qualquer outro gênero apresentaria, logo, é um gênero textual.

Dessa forma, a canção apresenta um contexto situacional que pode ser usada em diversas ocasiões sociais (casamentos, festas de aniversários) e culturais (esportes, shows de rua, danças típicas), entre outros. É intertextual, pois pode atuar em forma de texto ou em melodia, também possui um caráter de informatividade carregando toda uma cultura e que em muitas vezes relata problemas sociais de diferentes contextos, ou seja, atua como forma de se expressar na sociedade, como é o caso *raps*. Logo, a música também é um texto, de acordo com Pereira (2007):

A partir dos conceitos de texto e de gêneros textuais, podemos entender que a música é um texto, tanto oral quanto escrito, que pode ser interpretado, criticado e reproduzido. Vários autores (Falcão, 2005; Simões et al., 2006, entre outros) tratam da música como texto e de seus usos, sobretudo da letra das canções, na sala de aula. (p. 39).

Percebemos na música uma grande variedade de possibilidades que servem para o ensino, mas também, como uma atividade prazerosa. A música acalma, transmite sensações involuntárias nas pessoas que a escutam, ao ouvir podemos trazer lembranças que se deram por esquecidas, Para Tame (1984, p. 146) apud Pereira (2007) “[é] difícil encontrar uma única fração do corpo que não sofra a influência dos tons musicais”. (p. 33). Dessa forma, a música também atua como elemento emocional, e desde os tempos remotos que convivemos com a sua presença, sem ao menos nos questionarmos o porquê da sua existência, pois toda a sua contribuição e prazer já falam por si. A autora ainda ressalta que:

[a] música pode, positivamente, modificar o metabolismo, afetar a energia muscular, elevar ou diminuir a pressão sanguínea e influir na digestão. É mais agradável do que quaisquer outros estimulantes capazes de produzir as mesmas alterações em nosso corpo. (TAME, 1984 apud PEREIRA, 2007, p. 33).

Sendo assim, podemos perceber muitos atributos e benefícios que a música possui ao ser escutada, falada, qualquer outra forma que seja apresentada verbalmente ou melodicamente, pois a música vem atuando como ferramenta de apoio emocional e educacional, ou seja, formas que tendem a ajudar e levar alegria pra quem o procura. Sendo assim, a música é vista como forma de prazer, calmante, estimulante, entre muitas outras formas de emoções que sentimos ao escutar canções que nos tocam. Discutido isso, agora serão elencados alguns benefícios que a música traz no cotidiano das pessoas.

Como já foi realçada anteriormente, a música está presente em quase todos os lugares, e sua presença é de grande importância na rotina das pessoas, e por isso, traz consigo uma variedade de benefícios para os seres humanos sejam eles uma regalia saudável, física ou emocional. Para começar, a música é capaz de melhorar o desempenho das pessoas quando estas praticam atividades físicas, isso ocorre porque o corpo fica em um estado de alerta evitando a fadiga e o cansaço. Pesquisas apontam que as pessoas que escutam músicas ao praticarem exercícios se sentem mais motivadas para continuar com a atividade, pois o ritmo, a “batida” da música tende a ajudar as pessoas a se sentirem mais dispostas para a realização de práticas físicas.

Além do mais, a música é capaz de diminuir o nível de stress, isso é possível através da redução do nível de cortisol no nosso corpo, que ao se manter conectado com uma música libera hormônios de prazer, fazendo-nos sentir melhor. Como também, podendo nos motivar para realizar as tarefas do dia a dia, como estudar, trabalhar entre outras funções com mais facilidade. Se a música diminui o stress, logo ela melhora o nosso humor, ao ouvir uma canção que acalma, pois, automaticamente nós relaxamos, quando estamos tristes ao escutar uma música que nos alegam possivelmente ficaremos mais felizes, pois o nosso sistema libera uma dose de dopamina levando-nos a uma sensação de bem estar e prazer.

Outro benefício bastante importante é o uso da música para diminuir as dores emocionais, como angústia, e até mesmo a ajudar no tratamento de pessoas que enfrentam depressão. Atualmente há várias formas de intervenções na vida das pessoas tendo a música como ferramenta de trabalho, uma delas é a Musicoterapia – prática surgida na década de 50 – mas há registros que citam a música como auxiliadora na fertilidade das mulheres no tempo de 1500 a.c., sendo assim, a Musicoterapia relaxa, diminuindo os batimentos cardíacos e ajudando a reduzir a medicação das mulheres que estão em trabalho de parto. Outro ponto em que a Musicoterapia atua é no tratamento de crianças autistas que possui dificuldade para se relacionar com outras pessoas, e de acordo com diversas pesquisas, ao submeter a criança a música os resultados em relação a sua socialização melhoraram com a prática frequente.

De acordo com Tame (1984, p. 158,) apud Pereira (2007) “só ouvimos música, em primeiro lugar, porque ela nos faz *sentir* alguma coisa. [...] [T]ais sentimentos – de inspiração moral, alegria, energia, melancolia, violência, sensualidade, calma, devoção, e assim por diante – são *experiências*”. (p. 34). Ou seja, a música nos transmite mais do que podemos expressar, ela nos traz sensações; emoções que nos marcam por anos. É normal escutarmos alguma canção e através dela conseguimos lembrar de uma época que ficou marcada em

nossos pensamentos por meio da sua melodia, ritmo, ou até mesmo a mensagem que elas nos passa.

Além de tudo que já foi mencionado anteriormente, a música traz outro benefício que é aprender a cultura do outro, pois, ao tomarmos conhecimento de músicas internacionais, aprendemos a cultura de um novo povo, e ao mesmo tempo também podemos aprender uma nova língua. Isso pode acontecer no processo de ensino-aprendizagem em que a música pode contribuir para aquisição de um novo conteúdo através de atividades lúdicas e prazerosas. No próximo tópico será discutido a uso da música como ferramenta motivacional na educação.

2.2. A música como elemento de motivação no contexto educacional

Como foi visto, a música traz diversos benefícios para as pessoas que buscam uma vida mais prazerosa de um modo geral, utilizando-a para realizar funções normais do dia a dia. Sabemos que a cada dia o ensino nas escolas, principalmente as públicas, vem enfrentado dificuldades para com a nova geração, pois há diversos fatores que tem atrapalhado a aprendizagem dos alunos, como a indisciplina, falta de concentração, uso de celulares nas redes-sociais durante a aula, que tiram o foco dos alunos e do que está sendo ensinado pelo professor. Diante disso, como os professores podem envolver os seus alunos para o desenvolvimento das aulas, fazendo-os se sentirem mais motivados e interessados em aprender, para isso, uma forma que possa ajudar nessa questão, é o ensino com música como atividade lúdica em sala de aula.

Porém, mesmo sabendo que a música pode ser usada no ensino como fonte de prazer e ao mesmo tempo desenvolver a aprendizagem, ela sempre houve resistência na sua utilização e muitas vezes foi vista como uma atividade de passatempo, pois tinha-se a compreensão de que não colaborava com o para o ensino. Temos o conhecimento de que não é bem assim, pois a música é considerada uma atividade lúdica e de acordo com Zacharias (2006, p. 2) apud Pereira (2007); “[...] a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais, sendo, por isso, indispensável á prática educativa”. (p. 35).

Sendo assim, nada mais agradável do que procurar formas que despertem o fascínio dos alunos para aprender novos conhecimentos, e para que isso aconteça, é importante se trabalhar com atividade que desfrute do prazer. Para Richards (1969, p. 161) apud Pereira (2007); “[o] prazer por si só é uma parte importante da aprendizagem de línguas”. (p. 35).

Pensando nisso, no ano de 2008, foi criada a lei de nº 11.769, que exige o uso de músicas no Ensino Fundamental e Médio, em registro do Poder Legislativo (2008) de acordo com o inciso § 6º: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular”. Certamente porque a música serve como um auxílio importante para o desenvolver da aula. Motivos não faltam para o ensino com música, pois ela pode ser um instrumento fundamental para a interação dos alunos, principalmente se estes tiverem uma faixa etária de 4 à 12 anos, pois a canção possui a capacidade a tensão e o cansaço dos alunos promovendo uma maior sociabilidade em sala de aula, além de motivá-los para a próxima atividade, como Pereira (2007) corrobora:

Assim, por seu caráter intrinsecamente emocional/afetivo, a música pode ser utilizada como trilha sonora de fundo e em atividades de aquecimento, por exemplo, no intuito de reduzir o desconforto e estabelecer relações positivas de aprendizagem, diminuindo o filtro afetivo e ampliando as possibilidades de construção de conhecimento. (p. 37).

Levando em consideração todos os atributos, Pereira (2007) realizou uma pesquisa com dois professores de inglês do Centro de Línguas de Goiás, e de acordo com os dados da pesquisa, constatou-se os alunos se sentem mais motivados ao se depararem com atitudes lúdicas que envolvam músicas e vídeos. Pois, as atividades orais, como leitura e fala, são as mais difíceis em virtude de exigir mais esforço dos alunos, e com o auxílio das músicas, foi constatado que os alunos reagiram melhor a essas habilidades do que anteriormente trabalhando com outras metodologias. Simões (2006) apud Pereira (2007) elencou três vantagens de se trabalhar com música que podem ser usadas pelos professores para a realização de leitura em sala de aula, são elas:

“a) a possibilidade de lidar com um universo textual conhecido, na tentativa de promover uma aprendizagem mais significativa”; “b) o uso de uma abordagem interdisciplinar e que abarque tópicos transversais” e; “c) a oportunidade para a discussão de diferentes contextos socioculturais a partir das ideias e ideologias expostas nas letras de música”. (p. 40).

Outra forma de motivar os alunos com canções é propor que eles mesmos escolham as músicas ou cantores que são do seu conhecimento, sendo assim, os alunos se sentem mais motivados, pois estão estudando com assuntos que eles gostam. Vale ressaltar que o professor precisa analisar as opções dos alunos e verifica se determinada música abre caminho para novas discussões. Nesse caso, ao trabalhar com música em sala de aula, o professor dispõe de uma excelente ferramenta para gerar a discussão em sala de aula, pois a canção possui temas interdisciplinares, como contextos culturais das sociedades de povos que o alunado não tenha

conhecimento, temas esses que podem ser debatidos pelos alunos. No entanto, ao escolher a música, o professor precisa analisar a melodia da música, de acordo com Pereira (2007, p.79) “[...] para promover motivação por meio da música, a escolha da canção é fundamental, uma vez que uma canção de ritmo lento tende a acalmar, o que poderia deixar os alunos mais sonolentos, ao passo que uma canção rápida ou agitada tende a animar”.

[...] a utilização da música nas aulas de LE como recurso didático lúdico e abrangente que pode ser utilizado para trabalhar as habilidades da língua e os componentes do sistema linguístico, bem como para promover interação, motivação e criar uma atmosfera de aprendizagem mais prazerosa e descontraída. (p. 32).

De acordo com Holden (2009), o ritmo da música ajuda os alunos a lembrarem da frase toda e não de palavras isoladas como de costume, dessa forma, o ensino de LI possui um aliado para o desenvolvimento das habilidades. Diante disso, no próximo tópico, será discutida a utilização da música como elemento motivacional na aprendizagem de Língua Inglesa.

2.3. A música como ferramenta motivacional no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa

A partir de agora, será apresentado diversas utilizações da música sendo trabalhada como recurso didático no ensino e aprendizagem de LI. Primeiramente, para propor atividades lúdicas em sala de aula, é preciso que haja harmonia entre professor-aluno, tornando o ambiente propício para a aprendizagem, como anuncia Pereira (2007) “Uma das principais preocupações do professor de LE deve ser, portanto, tornar o processo de ensino e aprendizagem mais centrado no aluno, de modo que ele se sinta envolvido e motivado a tomar parte no processo.” (p.36). Desse modo, o professor precisa colocar o foco no seu aluno e se perguntar quais músicas ele deve levar para os seus alunos, procurando sempre aquelas que tenham um bom tema para que possa gerar grandes discussões.

Contudo, a música possui o efeito de despertar interesse para quem a escuta, pois sua essência escapa do que seria uma aula tradicional, provocando uma possível motivação nos alunos para o que seria estudado. Com isso, os alunos podem se sentir mais encorajados para aprender uma nova língua, levando isso em consideração, se o aluno tem como objetivo aprender uma nova língua, mas a forma que isso vem sendo passado não o agrada, o professor

pode procurar formas que diversifiquem a sua metodologia, e seja inovadora para suprir as necessidades dos educandos. Pereira (2007) ressalta:

Para que tenhamos uma aula mais centrada no aluno, o professor precisa levar em conta o mundo do aprendiz, o que ele sabe, do que ele gosta, o que lhe interessa. Aproximar o mundo da escola do mundo do aluno é o primeiro passo para que ele se envolva com a aprendizagem. O uso de música na sala de aula tende a ser uma forma de envolver o aluno em aulas significativas e prazerosas. [...] Ao tomar parte em uma aula de LE, o aluno tem, em geral, seus motivos pessoais, que podem variar de requisitos profissionais a inclinações pessoais, personalidade, necessidade de interagir com falantes de outras línguas, participar de um jogo ou bate-papo na internet, entre outros. (p. 36).

Tendo em vista a música como ferramenta didática, uma de suas utilidades em sala de aula seria a prática da compreensão oral, como Pereira (2007) afirma, “Dessa forma, podemos perceber que a música pode ser utilizada para a prática da habilidade de produção oral, funcionando como motivação para discussões e para a interação na sala de aula de LE”. (p. 43). Leituras de textos, frases e expressões orais sempre foram as que mais geraram tensão e dificuldade, pois nesse momento o grau de esforço é maior, e dessa forma, resulta na insegurança dos alunos. Nesse caso, a música pode ser uma grande aliada para o professor, que pode levar canções que tenham a mesma função de outras atividades abordando a compreensão oral, só que dessa forma, ele estará usando uma ferramenta que é capaz de diminuir a ansiedade dos alunos e levando prazer para o ambiente educacional, a autora ainda ressalta, “Por representar algo prazeroso e familiar aos aprendizes, a música, como atividade de compreensão oral, pode ser utilizada para diminuir essa ansiedade, facilitando a realização das tarefas e a prática da compreensão oral nas aulas de LE”. (PEREIRA, 2007, p. 41).

Outra forma de utilização da música no ensino e aprendizagem de LI é a aproveitamento para trabalhar com regras gramaticais e ampliação do vocabulário, como os tempos verbais; preposições; partes do corpo; números e entre muitos outros assuntos a serem usados. Como comprova Richards (1969) apud Pereira (2007) “[...] o uso da música no processo de ensino e aprendizagem de LE auxilia o aprendiz por lidar com vocabulário, pronúncia (sons, ritmo, entonação e tonicidade) e formas e itens sintáticos em geral, como estruturas e padrões de sentenças”. (p. 43).

Sendo assim, a música pode ajudar no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, pois é através da sua sonorização e/ou repetição que facilita que o aluno possa fixar tais itens com mais facilidade do que trabalhando estes de forma isolada, como também, ajuda na memorização de frases, pois é através das repetições que os alunos conseguem automatizar

a língua, que muitas vezes é feito de forma inconsciente, uma vez que, o aluno já se encontra acostumado com a letra da música e apenas transmite a melodia que aprendeu. De acordo com Pereira (2007) “o uso de canções nas aulas de LE pode auxiliar a consolidar a aprendizagem por conterem, frequentemente, um grande número de repetições, o que torna a memorização mais fácil e prazerosa”. (p. 47).

Por outro lado, mais um ponto favorável ao se trabalhar com música em sala de aula é o contexto em que a música está inserida, pois ao utilizar uma canção como ferramenta de ensino, também devemos levar em consideração a época que ela foi lançada, que público ela atingiu, porque além de toda a complexidade que uma canção possui para se trabalhar as habilidades comunicativas, ela também é capaz de expor aos costumes, culturas dos povos, podendo desencadear discursões a cerca do que estava exposto na música. Como afirma Lima (2004, p. 183) apud Pereira (2007), “[q]uando se apresenta uma canção em inglês australiano, jamaicano, ou em qualquer outra variedade linguística, a língua, em si, já é um dado cultural” (p. 51). Pereira (2007) colabora em sua afirmação que, “Como manifestação cultural, a música expressa ideias e ideologias, codificando momentos sociohistóricos e situações da vida humana” (p. 52). Assim, ela pode figurar como mediadora das relações entre língua, cultura e ensino e aprendizagem de LE.

Considerando tudo o que já foi mencionado em relação ao uso da música como ferramenta motivacional no ensino de LI, ao apresentar uma canção ao aluno, o professor também estará expondo-o a um sistema linguístico, que desenvolve comunicação oral, itens gramaticais, vocabulário, entre outros. Mas tudo isso sendo feito de forma lúdica para os alunos, tornando o ambiente agradável e harmônico entre professor-aluno. Conforme Pereira (2007):

As relações entre a música e a afetividade tratadas nesta seção nos levam a concluir que o uso de canções nas aulas de LE pode influenciar afetivamente o processo de ensino e aprendizagem de LE por proporcionar motivação e prazer e, conseqüentemente, associações positivas em relação à aprendizagem de LE e a redução de sentimentos negativos, como desinteresse, ansiedade e estresse. (p. 82).

Dessa forma, será apresentada no próximo capítulo uma proposta de uma atividade podendo se trabalhar as habilidades comunicativas através do gênero música.

3. AS DIMENSÕES COMUNICATIVAS DO USO DE TRABALHO COM A MÚSICA

Como já foi discutido anteriormente, foram apresentados os benefícios que a música pode trazer para os alunos, isso ao se trabalhar com o gênero música em sala de aula, tornando os mais motivados para aprender, principalmente se a disciplina for uma Língua Estrangeira, pois a música está inserida no contexto educacional, sendo uma ferramenta com que os estudantes convivem diariamente. Apesar de todos os atributos e vantagens ao usar uma canção, é preciso que esse instrumento seja utilizado de uma forma que transmita um significado para os alunos, assim como possa desenvolver as habilidades comunicativas. Sendo assim, é necessário que no contexto educacional o professor possa trabalhar com atividades lúdicas oportunizando momentos de discussões em sala de aula, propondo interação entre os alunos, e construindo um conhecimento coletivo através desse objeto de estudo, bem como também integrando as atividades com as três dimensões da linguagem, a sua forma; sentido e uso. (LARSEN-FREEMAN, 1993).

Não obstante, sabemos que o trabalho com música em sala de aula não é uma tarefa muito simples, pois o professor precisa saber quais elementos linguísticos ele deseja trabalhar, e como ele poderá trabalhar de forma lúdica, mantendo a motivação em sala de aula, pois, o professor escolhe a sua abordagem, desenvolve o seu método e estabelece as técnicas a serem usadas. Nesse capítulo será apresentado a um conjunto de atividades para se trabalhar com a música em sala de aula. Em seguida, será apresentada a música como ferramenta sociointeracionista de aprendizagem, trabalhando também com as dimensões da linguagem em atividades de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Por último, será apresentada uma proposta de atividade com música, relacionando toda a teoria até aqui elencada. No próximo tópico será apresentada a Abordagem comunicativa como elemento de uso para o desenvolver das atividades.

3.1. Abordagem Comunicativa

Antigamente, como não havia uma forma que definisse se realmente usando aquelas abordagens e métodos ajudavam o aluno a desenvolver uma segunda língua, pesquisadores criaram várias formas que pudessem colaborar no desenvolvimento dos alunos em aulas de língua estrangeira, e por isso surgiram algumas abordagens. De acordo com Leffa (1998) a primeira foi a Abordagem da Gramática e Tradução (AGT) que pautava o processo de ensino

na aplicação de uma segunda língua pela primeira, ou seja, usava a língua materna para desenvolver a segunda. Sua ênfase estava na forma escrita da língua, acompanhada de leituras. Posteriormente, para reparar as lacunas contidas na AGT, foi desenvolvida uma abordagem totalmente diferente, a Abordagem Direta (AD) que vem com o ensinamento e normas mais severas. O seu objetivo para aprender uma segunda língua é sempre falar e usar a língua alvo dentro da sala de aula e nunca usar a língua materna. Com foco na linguagem oral, falando e escutando para internalizar o indivíduo, além do uso de repetições para a aprendizagem automática da língua. Por conseguinte, surgiu outra abordagem com características distintas, a Abordagem para Leitura (AL), focada na leitura. Esta usava todos os meios e formas para desenvolver uma boa leitura da LE dentro ou fora da sala de aula.

Mais adiante, para atender as necessidades específicas de comunicação oral, surgiu a Abordagem Audiolingual utilizava como base teórica o behaviorismo de Skinner entendia que para o desenvolvimento da língua era preciso que houvesse um estímulo e uma resposta, sem exceção do uso contínuo de repetições para fixar melhor as palavras. Depois de tudo isso, muitas abordagens foram rejeitadas e passaram por um período de transição, foi quando surgiram vários métodos, entre eles a Sugestologia de Lozanov, que era voltada para o lado psicológico do ensino, de que os alunos precisavam de um ambiente mais confortável para estudar, e conseqüentemente, aprender.

Outro método foi o método de Curran – Aprendizagem por Aconselhamento, onde os alunos sentavam em círculo na sala de aula, e repetiam constantemente frases de uma segunda língua, usando um gravador para diante ouvirem e analisarem as frases. Já o método silencioso de Gattegno, como o próprio nome diz, usa o silêncio em sala de aula, pois a professora dificilmente falava, e a aprendizagem era adquirida através de gráficos e bastões coloridos. E por último o método de Asher – Resposta física total, nesse método o professor comanda os alunos através de mensagens corporais, feitas por gestos e desenhos.

Com o desenvolvimento das pesquisas no campo linguístico no século XX, surgiu a abordagem Comunicativa (AC) que se preocupava com o desenvolvimento da socialização dos indivíduos, ou seja, com a sua visão na comunicação. A Abordagem Comunicativa estava voltada basicamente para o aluno, o professor passava a interagir com o ele, em uma experiência harmônica, isto é, comunicativa. (LEFFA, 1988. p. 229). Almeida Filho (2015) estudioso nesse assunto define o ensino comunicativo como:

[...] aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividade relevantes/ tarefas de real interesse e/ ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua”. (p. 54).

De acordo com Larsen-Freeman (1986) o professor, nessa abordagem, é o gerente em sala de aula, sendo o responsável por estabelecer situações que possam promover a comunicação. Mas, para trabalhar com essa abordagem, primeiramente é importante entendê-la, Larsen Freeman (1986) denominou algumas características sobre a AC;

A característica mais óbvia da Abordagem Comunicativa é que quase tudo o que é feito é feito com uma intenção comunicativa. [...] Outra característica da Abordagem Comunicativa é o uso de materiais autênticos, é considerado desejável dar aos alunos a oportunidade de desenvolver estratégias para entender a linguagem, como é realmente usada pelos nativos. (LARSEN-FREEMAN, 1986, p. 132, tradução minha).¹

Diferenciando-se das outras abordagens, a AC não apresenta questões óbvias como a maioria dos alunos estão acostumados como: *que dia é hoje; ou passe a frase para a forma negativa, coloque as frases no plural*, pois, essa abordagem abre espaço para uma comunicação natural que pode ser desenvolvida através de diversos temas. A autora ainda ressalta que “na comunicação, o falante tem a escolha do que ela irá dizer e como ela irá dizer isso. Se o exercício for bem controlado para que os estudantes só possam dizer algo de uma forma, o falante não tem escolha e a troca, portanto, não é comunicativa.” (Larsen-Freeman, 1986, p. 132, tradução minha).² Diante disso, foram determinados vários passos para produzir uma aula desenvolvida através de uma abordagem comunicativa.

Almeida Filho (2015) elencou quatro fases para um desenvolvimento de uma AC em sala de aula, na primeira fase o autor relata que é pertinente que o professor transmita um ambiente em que os alunos possam se sentir seguros no que será desenvolvido, por isso, faz-se necessário o uso de materiais autênticos e que sejam do conhecimento dos alunos, dessa forma, eles podem sentir-se mais confiantes na aula. Como elucidada o autor:

A confiança, reafirmada através de uma rodada de prática com material já parcialmente conhecido, visa reduzir uma eventual impermeabilidade do filtro afetivo, que se obtém geralmente pela ansiedade alta, pela percepção de irrelevância no plano pessoal, timidez, cansaço, motivação insuficiente, falta de identificação cultural com a língua em estudo. (ALMEIDA FILHO, 2015, p.47).

¹ The most obvious characteristic of the Communicative Approach is that almost everything that is done is done with a communicative intent. [...] Another characteristic of the Communicative Approach is the use of authentic materials, It is considered desirable to give students an opportunity to develop strategies for understanding language as it is actually used by natives speakers. (LARSEN-FREEMAN, 1986, p. 132).

² In communication, the speaker has a choice of what she will say and how she will say it. If the exercise is tightly controlled so that students can only say something in one way, the speaker has no choice and the exchange, therefore, is not communicative. (LARSEN-FREEMAN, 1986, p. 132).

Na segunda fase, a da apresentação, o professor familiariza o aluno com a o conteúdo, ou tema que será trabalhado. Na terceira fase, a fase do ensino e uso, durante esse momento, professor e aluno podem simular relações reais que podem acontecer no dia a dia, como exemplifica a autor, “[...] o aluno pode imaginar que está no salão de carnaval, conhecer um estrangeiro, trocar informações pessoais, apresentar-se, apresentar outro amigo, oferecer-se para ajudar, despedir-se”. (ALMEIDA FILHO, 2015, p. 48). Ou seja, diversas ocasiões que podem servir como um ensaio para uma comunicação real. Na quarta e última fase, o pano, professor e alunos fazem um levantamento do que foi aprendido em sala de aula, encerrando ou tirando as dúvidas dos momentos de interações. Desta forma, de acordo com Martinez (2012) devemos usar menos exercícios formais e mais atividades interativas, pois é se comunicando que aprendemos a nos comunicar.

Sendo essa, a abordagem sugerida para se trabalhar com atividades lúdicas em sala de aula e também desenvolver a comunicação, diante desses pontos, fica claro que pode haver uma relação entre o ensino comunicativo com atividades que motivem os alunos, como por exemplo, trabalhar com a música visando o seu contexto cultural, gramatical, social e interacional ao promover discussões entre os alunos. Martinez (2012) realça que;

[...] artigos de jornais, esquemas, fotos de publicidade, histórias em quadrinhos, etc. são frequentemente percebidos como mais motivadores, mais capazes de fazer nascer a expressão pessoal e a autonomia. Eles também estão mais próximos do uso linguístico real, sendo, portanto capazes de suscitar conhecimentos e reflexões no aprendiz [...]. (p. 71).

Dessa forma, buscando formas lúdicas de aprendizagem os alunos podem se sentir mais motivados para o desenvolvimento de uma nova língua, gerando a interação em sala de aula, construindo um conhecimento coletivo.

3.2. A música como recurso sociointeracionista de aprendizagem

Concebida por Vygotsky, a teoria sociointeracionista possui o seu cerne na interação dos indivíduos por meio da sociedade em que habitam, de acordo com essa teoria, a aquisição da aprendizagem se daria através de cenários históricos e culturais, ou seja, uma segunda língua sendo adquirida por meio de contextos sociais. Por isso é necessário que os professores de língua estrangeira usem textos, que tenham um contexto cultural para os alunos, como afirma Lima (2009) “[...] a língua e cultura estão intrinsicamente ligados, levando em

consideração o fato de que, do ponto de vista cultural, o sujeito é constituído pela linguagem”. (p. 182). Visto isso, a música é um elemento que carrega em si toda a cultura e aspecto de um determinado povo. Trazendo isso para a sala de aula, o professor permite que os seus alunos aprendam uma nova língua e ao mesmo tempo possam compreender a cultura de um novo povo.

Dessa forma, o ensino de LI partindo de uma visão sociointeracionista que tem a sua construção através de interações sociais e coletivas, ambas trabalhadas em conjunto para a aquisição de uma nova língua. Como afirma Messias & Norte (2011):

Diante dessa reflexão alguns ideais de Vygotsky e Bakhtin, por evidenciarem o papel da cultura e da linguagem na constituição social do sujeito e do conhecimento, representam importante pilar para o ensino de línguas estrangeiras. Para Vygotsky, como já vimos nas teorias de aquisição da linguagem, o conhecimento é construído em contato com a prática social; a aprendizagem é coletiva e construída pela interação. O professor é o mediador, alguém que auxilia o aluno a alcançar, no caso da língua, a produção e a compreensão de gêneros discursivos mais complexos. (p. 37).

E é através da cultura que Holden (2009) relata que os alunos ao aprenderem a cultura do outro país ele estar exposto a várias maneiras de pensamento, comunicações, diferentes valores, fazendo-os entender que não existe apenas uma forma de se fazer algo, e sim que há uma grande diversidade de modos de vidas diferentes do seu. Assim, é através da linguagem que podemos conhecer a cultura do outro. A autora ainda afirma que além da importância de conhecer a cultura do próximo, também é importante conhecer o seu colega, e a interagir com ele, por isso, que sempre é importante que o professor busque a interação entre os seus alunos, para que possam se conhecer melhor e desenvolvam trabalhos em grupo. Diante do que foi exposto, a linguagem, especificamente a aprendizagem de uma segunda língua é um área onde ocorre interações para o desenvolvimento de novas línguas. Como ressalta Geraldí (1984) apud Messias & Norte (2011):

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem antes da fala. (...) Acredito que esta concepção implicará numa postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos (p. 41).

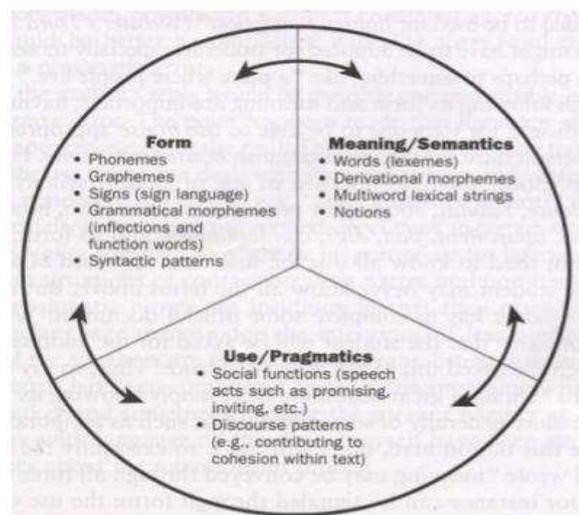
Isto posto, trabalhando com música em sala de aula, o professor abre caminhos para que os alunos possam aprender uma LE contextualizada. Dessa forma, ele precisa levar em

consideração que em seu planejamento é indispensável trabalhar com atividades lúdicas que despertem o interesse de seus alunos para a aprendizagem de LI, por isso, devemos levar em consideração o que o professor deseja desempenhar em sala de aula, dessa forma, trabalhando também as dimensões comunicativas da linguagem, ponto que será discutido no próximo tópico.

3.3 Dimensões comunicativas da linguagem

Ao elaborar uma atividade lúdica que sirva para a formação de uma nova língua, o professor deverá levar em consideração as dimensões da linguagem, por isso, quando tratamos de dimensões da linguagem, a estudiosa Larsen-Freeman (1993) não poderia ficar de fora, autora de diversos livros sobre essa temática, ela elaborou um quadro tridimensional que analisa a aprendizagem sendo adquirida passando por três modelos; Forma (gramática); Sentido (semântica) e Uso (pragmática). Vejamos a quadro tridimensional abaixo:

Figura 1: Quadro tridimensional das dimensões comunicativas
Larsen-Freeman's Grammaring Model



Fonte: Grammar dimensions: form, meaning and use, Larsen Freeman, 1992.

Primeiramente a forma (gramática) que para Douglas Brown (2001) a gramática é um sistema de regras que regem a disposição convencional e a relação das palavras em uma frase, pois apresenta as suas estruturas (verbos, substantivos, objetos e etc.) e como construir uma frase em sua sequência. Por isso, é necessária para a aquisição de uma segunda língua, pois, é

através da gramática que os alunos aprendem a formar frases em sua ordem correta. A segunda sendo o sentido (semântica), que se refere ao significado apresentado em uma sentença, como também explica o porquê das sequências das palavras, no qual os alunos possam interpretar as palavras e darem diferentes significados que está possa apresentar em um texto. E por último o uso (pragmática) que de acordo com Armengaud (2006) “[...] é uma ciência que trata da relação dos signos com seus intérpretes, ou seja, é a parte da semiótica que trata da relação entre os signos e os usuários dos signos.” (p. 11). Dessa forma, as atividades podem ser trabalhadas levando em consideração a língua em uso e o contexto de interação. A partir de agora, será apresentada uma proposta de atividade lúdica que traga todos os aspectos mencionados anteriormente; interação, cultura; contexto, forma; sentido e uso. A música escolhida para se trabalhar foi “*Imagine*” de John Lennon.

3.4. Proposta de atividade com música como elemento motivacional para o desenvolvimento das habilidades comunicativas discursivas em sala de aula

Abordando as características necessárias para o estudo com atividades lúdicas com músicas que já foram mencionadas anteriormente, nesse momento, será apresentada uma atividade em que o professor desenvolva as habilidades comunicativas (*Listening; Speaking, Reading e Writing*), como também possa trabalhar, gramática, cultura que possam despertar o senso crítico dos alunos tornando-os sujeitos reflexivos, conseqüentemente desenvolvendo uma segunda língua. A música escolhida para se trabalhar em uma atividade lúdica, foi a canção *Imagine* (1971) do cantor e compositor John Lennon ex-integrante da banda Beatles.

John Lennon traz em suas canções questões sociais como o amor e paz entre as pessoas, tendo também críticas sobre as guerras e injustiças causadas na sociedade em que vivemos. Criada no ano de 1971, *Imagine* foi uma das músicas de John Lennon com maior repercussão mundial, alcançando o topo das paradas musicais, sendo que o seu trabalho e principalmente essa música ainda são bastante conhecidos hoje em dia. A música transmite questões como a construção de um mundo melhor, sem guerras, sem ódio, em que podemos viver em uma sociedade harmônica aonde a paz fará presença.

A partir de agora, será apresentada a música *Imagine* (1971) presente no álbum que tem o mesmo nome da canção, em seguida uma atividade com 5 questões que podem ser trabalhadas em sala de aula pelo professor.

Figura 2: Capa do álbum *Imagine* (1971).



Fonte: <https://www.discogs.com/John-Lennon-Imagine-Music-From-The-Motion-Picture/master/73048>

1) Preencha as lacunas com a letra da música.

Imagine – John Lennon

Imagine there's no _____
 It's easy if you try
 No hell _____ us
 Above us only sky
 Imagine all the people
 Living for _____

Imagine there's no _____
 It isn't hard to do
 Nothing to kill or _____ for
 And no religion too
 Imagine all the people
 Living life in _____

You may say
 I'm a dreamer
 But I'm not the only one
 I hope some day
 You'll join us
 And the world will be as one

Imagine no _____
 I wonder if you can
 No need for greed or _____
 A brotherhood of man
 Imagine all the people
 _____ all the world

You may say
 I'm a dreamer
 But I'm not the only one
 I hope some day
 You'll join us
 And the world will _____ as one

2) Responda as questões com o que se pede.

- a) Grupos de verbos: ³
- try
 - kill
 - die
 - hope
- b) Simple future – Affirmative form:
- You'll join us
 - And the world will live as one
- c) Adjectives:
- easy
 - hard
 - dreamer
- d) Conective Words:
- and
 - but
 - or
- e) Modals verbs:
- can
 - may
- f) Verb to be – negative form:
- It isn't hard to do
 - But I'm not the only one
- g) Pronouns:
- I
 - you
 - it
 - us
- h) Gerund phrases:
- Living for today
 - Living life in peace
 - Sharing all the world

³ As questões a); b); c); d); e); f); g) e h) do número 2 já possuem as possíveis respostas.

3) De acordo com a música, responda às seguintes questões.

- a) What does the author ask us to imagine?
- b) If we imagine this, how will the world be?

4) Discuta com os seus colegas sobre as questões abaixo.

- a) Do you believe in heaven or hell?
- b) In your opinion, what would bring peace to the world?

5) Discorra sobre as questões abaixo.

- a) According to current events, what has religion caused in society?
- b) About the boundaries of countries present in music, in relation to current issues, what does this harm in society?

Analisando pela sequência das questões, na questão de número 1, o professor trabalha com o desenvolvimento da habilidade auditiva (*listening*) através do preenchimento das lacunas que os alunos vão completando ao ouvir a música, como também a fala (*speaking*) ao pronunciar determinadas palavras. De acordo com Oliveira (2015), esse tipo de atividade é chamada de reconhecimento de palavras. O autor destaca “[...] é o *cloze*, em que uma palavra é apagada e substituída por uma lacuna. Por exemplo, você seleciona uma música relacionada com o conteúdo da aula e faz a substituição de palavras por lacunas.” (2015, p. 86). Deixando claro que essa questão pode ser usada como uma atividade de *Warm-up*, uma pré-compreensão oral para a atividade que for trabalhada. Dessa forma, os alunos podem também ampliar o vocabulário através das repetições que poderão ser feitas com a música como afirma Oliveira (2015):

Reconhecer palavras é uma micro-habilidade essencial para a compreensão oral. Afinal, o ouvinte só consegue buscar informações específicas ou ideias principais e só consegue fazer inferências e resumos de um texto falado se reconhecer as palavras que compõem esse texto. O reconhecimento de palavras depende fortemente de processo de decodificação ascendente e é uma micro-habilidade mais complexa do que parece, pois reconhecer palavras implica outras ações como, por exemplo, reconhecer suas pronúncias, seus significados e as funções sintáticas que desempenham no texto ouvido. (p. 88).

Ressaltando, por fim, que a referida questão pode ser trabalhada individualmente ou em grupos em forma de competição, sendo assim, podendo desenvolver um caráter coletivo trabalhando para a construção do desenvolvimento em sala de aula.

Na questão de número 2 o professor tem a oportunidade de desenvolver em seus alunos o estudo das estruturas morfológicas e sintáticas, tendo isso através da música como atividade lúdica, no qual o aprendizado desses elementos prescritivos, comumente vistos como conteúdos desafiadores de motivarem os alunos, passa a ser algo mais prazeroso e dinâmico. Sendo que nessa questão, os alunos podem estudar diferentes níveis estruturais, no item a) aquisição do vocabulário, no caso os verbos; b) tempo verbal; c) vocabulário (adjetivos); d) marcas de discurso (conectivos); e) vocabulário (verbos); f) tempo verbal; g) vocabulário (pronomes); h) tempo verbal. A escolha dessa questão pode ajudar o aluno na ampliação do vocabulário que é de extrema importância para o desenvolvimento de uma segunda língua. Como comenta Oliveira (2015) “O desenvolvimento do vocabulário é essencial não apenas para falar, mas também para compreender textos falados, escritos e para escrever. Por isso, o ensino do vocabulário deve constar na agenda do professor”. (p. 191).

Dando sequência, na questão de número 3, os alunos podem desenvolver a habilidade de leitura (*Reading*) utilizando as estratégias e técnicas de leitura em que farão buscas por informações específicas no texto, do mesmo modo que nessa questão, na letra b, eles também irão apresentar o seu ponto de vista sobre como seria esse mundo desejado na música. Dessa forma, é de grande importância o ensino de estratégias e técnicas de leituras no ensino de língua estrangeira nos dias atuais, além do mais, com essa questão, os alunos vão desenvolver a sua interpretação sobre o que está presente na música. De acordo com os PCN (2001) o uso da leitura e textos é fundamental para o entendimento do texto “[...] a aquisição dessa competência constitui-se no domínio de técnicas de leitura – tais como *skimming*, *scanning*, *prediction* – bem como na percepção e na identificação de índices de interpretação textual.” (BRASIL, 2001, p. 97).

Na penúltima questão, a habilidade de fala (*speaking*) pode ser desenvolvida, pois os alunos podem expressar as suas opiniões sobre as questões que percorrem a atualidade como, por exemplo, cultura, podendo propor discussões sobre a religião sobre a existência do paraíso ou inferno, sendo um dos temas citados na música, Sobretudo seria interessante enfatizar o Estado Islâmico, em relação as mortes que vêm causando, os atentados ocorridos, como também, pode ser explanado a intolerância religiosa, levando para o contexto das guerras, ao contrário da música que fala na paz mundial.

Em relação a questão de número 5, também seria interessante ao usar a música *Imagine* de John Lennon, que o professor possa trabalhar com questões em relação à construção do muro que Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos, que pretende construir um muro separando nações de forma literal, podendo levar também ao contexto de guerras que isso poderá causar entre as nações, fugindo totalmente da possível paz e união dos países presente na música de John Lennon. Além disso, na questão 5, o professor pode pedir aos alunos para dissertar sobre esse tema, podendo assim, trabalhar a habilidade de escrita (*writing*), para em sequência abrir um debate entre os alunos onde o caráter coletivo possa ser construído, tendo esse quesito como avaliativo para o professor.

Essas questões ajudam na construção da competência linguística-discursiva dos alunos, uma vez que retomam conhecimentos prévios que estes possuem sobre o tema, e os convoca a se posicionarem, de forma oral ou escrita sobre os assuntos abordados. Deixando claro que essas questões podem ser respondidas tanto no Inglês como em Português, pois, o que importa nessa etapa é o desenvolvimento da argumentação lógica, crítica e reflexiva do aluno, fazendo-o perceber o uso da Língua Inglesa como um instrumento dialógico contextualizado com a realidade em que vive.

Sendo assim, apesar de todos os problemas e desafios enfrentados pelos professores e alunos da rede básica de ensino, é possível sim que o professor possa trabalhar com algo que desperte a motivação dos alunos, e ao mesmo tempo, desenvolva habilidades comunicativas que possam construir um caráter reflexivo, coletivo e cultural nos alunos como afirma Lima (2009); “Ensinar uma língua estrangeira, portanto, implica a inclusão de competência gramatical, competência comunicativa, proficiência na língua, além, é claro, da mudança de comportamento e de atitude com relação à própria cultura e à culturas alheia do outro. (p. 189). Sendo assim, o professor juntamente com os alunos são capazes de desenvolver esse pontos através de atividade que instiguem o interesse pela construção de indivíduos reflexivos. De acordo com Silva (2016):

Nesse contexto, o professor não é mais que uma das peças desse “jogo do saber”, que mediará o processo de gestão da “aula” considerando os conteúdos a serem ministrados como itens nunca prontos, ao contrário, entendendo que o aprendizado se dá por um processo de interação, e nesse sentido, os saberes de cada um, individualmente, devem ser levados em conta para a construção do todo coletivo, desenvolvendo assim as habilidades e capacidades discursivas dos indivíduos em formação social. (p. 4).

Dessa forma, o conhecimento será construído de acordo com as interações entre professor-aluno, para Oliveira (2009), não há forma mais adequada de ensino do que aquela que vê o texto como um fenômeno criado por autor e leitor em um processo de interação e composição de sentidos. Portanto, deixamos aqui a proposta de se trabalhar com música em sala de aulas de LI, propondo discussões entre os alunos, despertando a motivação e vontade de adquirir um segundo idioma de forma lúdica nas escolas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, vemos que este momento de conclusão, nada mais é do que uma reflexão acerca do que foi pesquisado mediante o nosso objeto de estudo, pois na medida em que lidamos com a aprendizagem dos alunos, podemos perceber que há várias possibilidades de efetivar a construção do conhecimento. O presente trabalho apresentou uma proposta de atividade lúdica que possa melhorar a motivação dos alunos de língua inglesa, já que muitos estão acostumados com aulas teóricas descontextualizadas, geralmente centradas em questões gramaticais, e devido a isso, se sentem desmotivados para aprender uma nova língua que é de imensa importância social e cultural.

Apesar de todos os elementos desafiadores encontramos no ensino de línguas nas escolas públicas brasileira, de fato, é possível que o professor possa trabalhar com algo que chame a atenção dos alunos e ainda consiga desenvolver alguma habilidade. Neste sentido foi escolhido a música como atividade lúdica de aprendizagem, pois, sua natureza traz diversos benefícios para quem a escuta, e diante disso, seria interessante que o professores utilizassem essa ferramenta didática para a sala de aula, pois estará trabalhando com algo que os alunos gostam e convivem com frequência.

Dessa forma, o professor poderá trabalhar essa atividade para fortalecer e desenvolver as habilidades em uma abordagem comunicativa levando em consideração as necessidades dos seus alunos para transmitir saberes e propor discussões em sala de aula com qualquer temática, deixando claro que não somente a música que pode ser uma atividade motivadora, pois há diversas formas lúdicas para serem trabalhadas no ensino, e apenas foi proposto uma delas. Além do mais, o professor não é o detentor de todo o conhecimento, ele precisa ser visto como o mediador entre os alunos e a aprendizagem, que será construída com ajuda de cada componente escolar.

Portanto, acreditamos que ainda há muito o que ser estudado e pesquisado em torno de ensino com atividades lúdicas, na medida em que os professores e estudantes dos cursos de formação de professores possam se aperfeiçoar, abrindo espaço para inovações em sala de aula. Deixo aqui essa proposta de atividade para que outros pesquisadores possam compreender melhor a essência de um ensino motivador, lúdico, e comunicativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 3. Ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2002.

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Tradução; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, MEC, SEMTEC, 2001.**

_____. Poder Legislativo. **Lei N° 11.769, 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11769.htm> Acesso em 12 de julho de 2017.

_____. **Componente Curricular Língua Estrangeira Moderna**. In: Base Nacional Comum Curricular, 2016.

BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New York: Longman, 2001.

COSTA, Nelson Barros. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: **Gêneros textuais e ensino**. Angela Paiva Dionisio, Ana Raquel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra. (org). São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2001.

FERNANDÉZ, Gretel Eres. **Gêneros textuais e produção escrita: teoria e prática nas aulas de espanhol como língua estrangeira**. São Paulo: IBEP, 2012.

GARDNER, Robert C. **Social Psychology and Second Language Learning**. London: Edward Arnold, 1985.

GONSALVES, Belotto Pereira Elisa. **Gestão escolar e prática reflexiva**. Campinas, SP: Alínea, 1999.

HOLDEN, Susan. **O ensino da língua inglesa nos dias atuais**. São Paulo: Special Books Services Livraria, 2009.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (org). **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Grammar dimensions: form, meaning and use**. Boston: Heinie & Heinle, 1993.

_____. Diane. **Techniques and principles in language testing**. New York: Oxford University Press, 1986.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

LIMA, Diógenes Cândido de. O ensino na língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas/ Diógenes Cândido de Lima (org.)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras**. In: KOCH, I.G.V. (org). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras**. Tradução: Marcos Marcionilo, - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MASLOW, Abraham H. **Motivation and Personality**. 2ed. New York: Harper & Row, 1970.

MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes; NORTE, Miriângela Braga Norte. Perspectivas sócio-interacionista: implicações para o ensino de LE. In: **Formação Docente: Abordagens, métodos e perspectivas sócio-interacionistas no ensino de LE**. São Paulo: Unesp, 2011.

MICCOLI. Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Luciano Amaral. **Aula de inglês: do planejamento à avaliação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PAES, Maria Bethânia Gomes. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PAIVA, V. L. M. O. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PEREIRA, P. G. **Reflexões sobre o uso de música na sala de aula de LE: as crenças e a prática de dois professores de inglês**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA16_ID915_05082016214333.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2017.

RODRIGUES, Rogeane Araújo. **A importância da motivação durante o processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais no espaço escolar.** Monografia – Universidade Federal de Campina Grande – Cajazeiras, 2013.

SANTOS, Eliana Santos de Souza e. **O ensino da língua inglesa no Brasil.** Bahia: Babel, 2011. Disponível em: <file:///D:/Arquivos/downloads/99-404-1-PB.pdf> Acesso em: 13 de agosto de 2017. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

SCHMITZ, John Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável? In: LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Fabiane Gomes. **O ensino de Língua Inglesa por meio de vídeos do youtube: uma proposta prática para aplicação em sala de aula.** II Semana Internacional de Letras. Redenção, 2016. Disponível em: <file:///D:/Arquivos/downloads/Fabiane_SILVA_O_ensino_de_lingua_inglesa_por_meio_de_videos_do_youtube%20(2).pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

SILVA, Marcus Ferreira da. **O papel da motivação no aprendizado de inglês como língua estrangeira na escola pública.** Monografia – Universidade Federal de Pelotas – Porto Alegre, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino.** Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: Herder, 1972.

Sites pesquisados:

Música: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/john-lennon/90/>> Acesso 18 de julho de 2017.

Capa do disco: <<https://www.discogs.com/John-Lennon-Imagine-Music-From-The-Motion-Picture/master/73048>> Acesso em 18 de julho de 2017.